

## CORINA COARACY, JORNALISTA DO SÉCULO XIX

---

MARIA THEREZA CAIUBY CRESCENTI BERNARDES  
CERU (CENTRO DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS - USP)

---

### Escritoras do Século XIX no Brasil (1840-1890)

A figura de Corina Coaracy como escritora e jornalista destaca-se sobremaneira no quadro feminino literário de sua época, de acordo com o estudo que realizamos sobre a mulher do século XIX no Rio de Janeiro durante o Segundo Reinado até o primeiro ano da República no Brasil (Bernardes, 1989).

O que mais nos preocupou, então, foi conhecer a condição feminina a partir de depoimentos que nos deixaram por escrito, nas mais diversas formas, as próprias participantes daquela sociedade, o que raramente tem sido levado em conta por estudiosos da mesma questão. Partindo de um minucioso levantamento de escritoras que publicaram obras, as mais variadas, de 1840 a 1890, notamos que de norte a sul do país existiram poetisas, jornalistas, dramaturgas, autoras de romances, de contos, de livros didáticos, de manifestos, de pareceres e de traduções de vários idiomas. O maior centro dessas publicações foi a cidade do Rio de Janeiro mas até no exterior apareceram edições de alguns trabalhos de certas escritoras.

Apesar da lacuna de dados nos traços bio-bibliográficos de determinadas autoras podemos conhecer algumas de suas

características mais gerais como a origem local da maioria entre as noventa e nove que publicaram dentro do período de 1840-1890:

**Origem Local das Mulheres de Letras no Brasil do  
Século XIX cujas Obras Foram Publicadas entre  
1840 e 1890**

LOCAL DE ORIGEM DAS ESCRITORAS	NÚMERO DE ESCRITORAS
<b>PROVÍNCIAS</b>	
Amazonas .....	0
Pará .....	0
Maranhão .....	02
Piauí .....	01
Ceará .....	01
Rio Grande do Norte .....	02
Paraíba .....	0
Pernambuco .....	06
Alagoas .....	04
Sergipe .....	0
Bahia .....	11
Minas Gerais .....	07
Espírito Santo .....	0
Rio de Janeiro .....	07
Rio de Janeiro (Município Neutro) .....	16
São Paulo .....	05
Paraná .....	01
Santa Catarina .....	01
Rio Grande do Sul .....	15
Mato Grosso .....	01
Goiás .....	0
<b>EXTERIOR</b>	
Portugal .....	01
Estados Unidos .....	01
Argentina .....	02
França .....	01
Bélgica .....	01
SEM INFORMAÇÃO .....	08
<b>TOTAL</b>	<b>94</b>

OBSERVAÇÃO: Ainda há outras cinco escritoras das quais apenas há notícias sobre as obras publicadas. Daí não aparecer o total de 99.

Além das questões de origem local em que as Províncias da Bahia e do Rio Grande do Sul, como áreas de maior número de escritoras não chegaram a alcançar o número das que nasceram na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, notou-se a diversificação de gêneros literários publicados. A maioria delas dedicou-se apenas à prosa escrevendo mormente artigos e obras didáticas enquanto, em menor número, algumas escreveram somente poesias e outras, ainda menos numerosas, dedicaram-se aos dois gêneros. Os trabalhos de tradução do francês, inglês, alemão e italiano foram executados tanto exclusivamente por tradutoras como por autoras de outras obras.

Reuniram-se na Corte alguns núcleos de jornalistas interessadas em escrever sobre a condição feminina para o que fundaram e dirigiram diversos periódicos. Ao analisar a mensagem neles contida tomamos contacto com algumas das brilhantes reflexões de Corina Coaracy.

### **Traços Biográficos de Corina Coaracy**

Segundo depoimento de próprio punho de nossa autora, conservado entre papéis de família por sua neta Ada Maria Coaracy<sup>1</sup> seu nome aparece como Corinna Alberta Henrietta Lawe de Vivaldi. O escritor Vivaldo Coaracy, seu filho, em memórias de infância e adolescência, apresenta seu nome completo como Corina Henriqueta Albertina Lauwe de Vivaldi (Coaracy, 1959, p.53). Seu casamento com José Alves Visconti Coaracy originou Corina Coaracy ou simplesmente C. Cy como costumava assinar em suas crônicas.

Nasceu no Estado de Kansas, Estados Unidos, em Wyandotte City, mais tarde Kansas City, em 18 de abril de 1859.



**CORINA COARACY (1858-1892)**

Foram seus pais Mary Francis Lauwe de Vivaldi, nascida no Estado de Wisconsin, Estados Unidos, e Carlos Francisco Alberto de Vivaldi, nascido em Jurujuba, Niterói (RJ).

Aos dois anos de idade Corina veio ao Brasil pois seu pai fora designado pelo Presidente Lincoln cônsul dos Estados Unidos em Santos. O novo cônsul era italiano de origem e naturalizado cidadão norte-americano.

Tendo chegado à idade escolar, em 1865, retornou na companhia de sua mãe aos Estados Unidos onde fez seu curso primário no Estado de Wisconsin, nas cidades de Green Bay e Kaukauna, locais de residência da família materna. Em 1869 veio com a mãe ao Brasil na companhia do pai que foi buscá-las para residirem no Rio de Janeiro. Aqui frequentou o Colégio Brasileiro, de grande renome na época, mantido pela senhora Florinda Fernandes em Laranjeiras, no edifício onde mais tarde instalou-se o Hotel Metrôpole. Terminou o curso em 1874 como a aluna mais brilhante sendo premiada com medalha de ouro. Nessa ocasião o médico e poeta italiano Dr. Luís De Simone dedicou-lhe um soneto relativo ao acontecimento tendo distribuído cópias na cerimônia festiva de encerramento das aulas.

Como complemento de sua educação não lhe faltaram os melhores professores particulares de línguas, literatura, música e canto. Destacou-se como cantora mezzo-soprano e participou de inúmeros concertos filantrópicos na campanha abolicionista.

Manifestou especial tendência para as letras e o jornalismo. Em meio a um seleto grupo de literatos e artistas muitas vezes reunido em sua casa à Rua Riachuelo, no Rio, conheceu José Alves Visconti Coaracy com o qual veio a casar-se depois de um romance difícil dada a oposição sofrida por parte de sua mãe principalmente em razão da diferença entre suas idades. Casaram-se em 15 de junho de 1880 e tiveram apenas um filho, Vivaldo de Vivaldi Coaracy que se tornou conhecido como escritor e jornalista também com o pseudônimo de V. Cy a quem se deve os dados do presente esboço biográfico (Coaracy, 1959).

Em 1891 foi sozinha aos Estados Unidos para tratar de interesses de família e ao mesmo tempo atuar como correspondente de O País para o qual enviou seus últimos trabalhos, a série de crônicas "No País dos Dólares". Adoeceu em New York e, a conselho médico, procurou o clima do sul, menos rígido, vindo a falecer de embolia cerebral em 23 de março de 1892 em uma vila perto de New Orleans, Thibodaux, sem completar seus trinta e três anos de idade. Seu marido veio a falecer em dezembro do mesmo ano em Niterói (RJ).

### A Jornalista C. Cy

"C. Cy foi integral e essencialmente jornalista (Coaracy, 1959, p.62) e não deixou algum livro que a imortalizasse. Sua obra literária, além do jornalismo, resume-se em alguns contos, traduções, dramas e uma Seleta Inglesa ao lado de outros pequenos livros didáticos.

Estreou na imprensa aos dezesseis anos colaborando em dois periódicos fundados por seu pai no Rio de Janeiro: a Ilustração do Brasil e o South American Mail, escrevendo fluentemente em português e inglês. Dirigiu por algum tempo a Ilustração Popular, espécie de resumo da Ilustração do Brasil vendido a preço mais módico.

Depois de casada continuou escrevendo contos e pequenos ensaios para revistas e jornais e manteve uma seção Folha Nova, no Rio de Janeiro, da propriedade de Manuel Carneiro. Exerceu por algum tempo o magistério e foi assídua colaboradora da Gazetinha.

Assinava com vários pseudônimos: Condessa Augusta, Frou-Frou, Leone e às vezes simplesmente C. Colaborou como correspondente do Brasil no New York Herald a pedido de seu administrador. Teceu então comentários sobre os caminhos da política brasileira às vésperas da República mas não assinou tais artigos que foram publicados como sendo apenas Do Correspondente. Dessa forma, no entanto, foi identificada por José do Patrocínio e dele recebeu convi-

te a entrar na redação da Cidade do Rio que se encontrava em sua fase mais brilhante sob sua direção.

O desempenho de C. Cy no jornal de Patrocínio foi de tal modo notável que Artur de Azevedo, por ocasião de sua morte, dedicou-lhe dois artigos afirmando num deles:

Há três anos, José do Patrocínio convenceu-a de que devia entrar para a imprensa fluminense e abriu-lhe as portas da Cidade do Rio. Foi então que apareceram aquelas deliciosas crônicas semanais intituladas "A Esmo" e assinadas C. Cy, as quais se transferiram depois para o Correio do Povo e finalmente para O País.

Foi uma revelação. Não houve aí cronista barbado que se não envergonhasse de ser implacavelmente vencido por aquela moça delicada e franzina que parecia quebrar-se aos ventos. A prosa dessas crônicas, sob uma aparência leve e ligeira, era sempre conceituosa e muitas vezes profunda. Encantava-me aquela doce filosofia feminina, aquele tom quase sentencioso, que se disfarçava engenhosamente com os atávios da linguagem e o comentário gracioso dos fatos insignificantes da semana. (Coaracy, 1959, p.63-4)

Podemos apreciar o vigor e a habilidade de seu talento, como cronista, através do episódio registrado no jornal A Família, publicado no Rio de Janeiro sob a direção de Josefina Álvares de Azevedo, sua proprietária. Tendo esta jornalista escrito uma comédia sobre o direito de voto para a mulher foi criticada violentamente por um crítico de imprensa. Ao revidar os desairosos comentários transcreveu em sua folha uma das colunas da Cidade do Rio, assinada por C. Cy, a qual se antecipou em sua defesa mesmo sem conhecer pessoalmente a autora da comédia:

Abrimos hoje lugar de honra ao magistral artigo que na secção "A Esmo", da Cidade do Rio, escreveu a minha ilustre colega C. Cy a propósito da comédia O Voto Feminino. Esse artigo é uma resposta cabal e brilhante à pesada crítica que a propósito da mesma comédia supôs o cronista teatral do Diário do Comércio dever fazer às mulheres que escrevem.

.....  
Melhor do que eu poderia fazer, fê-lo a insigne cronista da Cidade do Rio, a quem, daqui da minha obscuridade, dirijo os meus mais

sinceros agradecimentos, pedindo vênia para transcrever esse artigo. Ei-lo.

.....  
Nenhum direito nos assiste de defender o trabalho da Sra. Álvares de Azevedo, diretora do jornal A Família, que se instituiu o baluarte (com a devida vênia do Diário do Comércio) do voto feminino. Não conhecemos nem a comédia nem a autora e consideramo-nos insuspeita de 'part pris' ou de considerações de amizade pessoal.

Não temos, porém, bastante isenção de ânimo para deixar passar sem protesto a censura menos generosa que às mulheres escritoras julgou o crítico dever atirar: censuras e conselhos que de modo nenhum podemos aceitar, por muito bem sentidos, por muito religiosos que sejam.

.....  
A propósito do Voto Feminino diz o noticiarrista '... o escritor do teatro está sujeito a uma crítica severa e exposto aos comentários do público a propósito de qualquer frase ambígua que tenha a sua peça. Com um homem as considerações do público têm um limite; com uma senhora não. E, ou ela há de fazer um trabalho medido, estudado em todas as suas frases para não revelar conhecimentos que não lhe ficam bem, ou há de sujeitar-se ao sorriso e aos comentários do público que nesse ponto é desapiedado.'

.....  
Assiste porventura ao crítico o direito de se incumbir do papel de grão-censor e de conselheiro das damas que entendem que devem afrontar os preconceitos arraigados e as idéias obsoletas que as condenam ao retraimento das salas de costura e à confecção de 'fran-freluches'?

.....  
Uma obra literária é sempre uma obra de arte, ou pelo menos, uma tentativa artística, e é sempre sob esse ponto de vista que a deve encarar a crítica; boa ou má, moral ou imoral, subscreva-a o Padre Prevost ou a Baronesa de Stäel. Nada absolutamente tem que ver o leitor com o sexo de quem escreveu a obra cujas páginas o revoltam ou deleitam. A individualidade física do autor desaparece ante o merecimento do livro, do drama ou da comédia que assinou. (A Família, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1890, p.1)

Infelizmente até agora não se conhece um estudo mais completo sobre o legado literário e jornalístico de Corina Coaracy. Suas crônicas semanais, sobretudo na Cidade do



Rio e que estão à disposição dos leitores na Biblioteca Nacional, estão à espera de uma compilação e análise para que se desvende ao público de hoje uma contribuição muito eloquente para o conhecimento histórico de nossas escritoras do século XIX.

## Obras de Corina Coaracy

### Texto didático

**Selection of Choice Passage from Longfellow and Macaully.** Rio de Janeiro, 1887. Textos escolhidos para exames de inglês na instrução pública e livro obrigatório na Escola Naval.

### Literatura

**Matar ou morrer.** Romance original inédito.

**Moema.** Drama

### Traduções

**A Rússia Vermelha,** romance de Victor Tissot e Constant Amero. Rio de Janeiro, 1883 (do francês).

**O dever,** Samuel Smiles. Rio de Janeiro, 1884 (do inglês).

**Vida e trabalho,** Samuel Smiles. Rio de Janeiro (do inglês).

**A alegria causa medo,** comédia de Mme. Girardin (do francês).

**A reabilitação,** drama de E. Montescoboli (do italiano).

### Imprensa

Redatora no **South American Mail** e na **Ilustração do Brasil**, escritos em inglês e português, da propriedade de seu pai, a partir de 1875.

Direção da **Ilustração Popular**, propriedade de seu pai, Rio de Janeiro, 1877-1878.

Correspondente de **Arauto**, propriedade de Viard, Silva & Cia., de Petrópolis. Da **Folha Nova**, Rio de Janeiro.

Correspondente do **New York Herald**, 1888-1889, a pedido de seu administrador, onde publicou uma série de cartas sobre o movimento republicano no Brasil.

Correspondente de **O País**, em New York.

Cronista semanal em **Cidade do Rio**, de José do Patrocínio, 1888-1890, encarregando-se da coluna "A Esmo".

Redatora no **Correio do Povo**, de Alcindo Guanabara.

\* \* \*

### **Referências Bibliográficas**

Bernardes, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, Século XIX**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1989.

Coaracy, Vivaldo. **Todos contam sua vida; memórias de infância e adolescência**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

### **Obras consultadas**

Blake, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883-1902.

Menezes, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro ilustrado**. São Paulo, Saraiva, 1969.

Oliveira, Américo Lopes de e Viana, Mário Gonçalves. **Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis**. Porto, Lello & Irmão, 1967.

### **Notas**

<sup>1</sup>Um especial "muito obrigada" à Ada Maria Coaracy, neta da escritora Corina Coaracy, pelas notas pessoais enviadas sobre sua avó além da fotografia da escritora que gentilmente nos cedeu.